

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

GLEIVER CAVALCANTE TEIXEIRA

"O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO NA PERSPECTIVA DE EFÉSIOS 5,25"

Goiânia

2021

GLEIVER CAVALCANTE TEIXEIRA

"O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO NA PERSPECTIVA DE EFÉSIOS 5,25"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Teologia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel no Curso de Teologia.

Orientador: Pe. Ms. Mauro Francisco dos Santos

Goiânia  
2021

GLEIVER CAVALCANTE TEIXEIRA

"O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO NA PERSPECTIVA DE EFÉSIOS 5,25"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Teologia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel no Curso de Teologia.

Goiânia, 16 de novembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Pe. Ms. Mauro Francisco dos Santos  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

---

Prof. Ms. Neusa Maria Branco Barbeiro  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

---

Prof. Pe. Dr. Cristiano Faria dos Santos  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

Dedico este trabalho de conclusão de curso primeiramente a Deus; Ao Pe. Jose Luiz de Mello por me motivar ao conhecimento teológico e discernimento vocacional ao Diaconado Permanente; A minha família, meus filhos Gleiver Junior e Glenda e em especial à minha amada Esposa Adriana por ter me dado o apoio necessário para que eu conseguisse chegar até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me deu saúde, força, coragem e inteligência para realizar as atividades e superar todas as dificuldades advindas do mundo acadêmico.

A esta Pontifícia Universidade Católica de Goiás, pela busca da excelência acadêmica e por seus princípios pautados na formação humana integral, bem como a todo o quadro de colaboradores da instituição que sempre atenderam as minhas necessidades em todos os setores com muito respeito e ética.

A todos os meus professores, aos quais sem nominar terão o meu eterno agradecimento e orações, por terem exercido em meu processo de aprendizado o papel de verdadeiros mestres, me conduzindo com muita paciência para a abertura dos horizontes do mundo científico sem desvincular neste processo a Fé em Deus e o amor ao próximo.

Aos meus irmãos de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como servo de Deus.

Aos meus pais, e familiares que compreenderam a minha ausência em alguns momentos em que me dedicava à realização deste e dos demais trabalhos.

Aos meus filhos e minha esposa, que foram o combustível motivacional diário para que eu pudesse superar as minhas limitações e chegar até o fim.

E a todos os irmãos (as) das comunidades paroquiais em que estive nos últimos quatro anos (Paroquia Nossa Senhora da Boa Esperança, Paroquia Santo Inácio de Loyola e Paróquia Universitária São João Evangelista), irmãos (as) do Grupo de Oração São Jose e Santa Teresinha, Religiosas e Padres que foram para mim ao longo desses anos bom perfume de Cristo, intercedendo sempre pelos meus propósitos atuais de estudo, e para que no futuro eu possa continuar a fazer um bom caminho de discernimento vocacional em relação ao Diaconado Permanente.

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa acadêmica, tem por objetivo apresentar o tema da esponsalidade de Cristo e a Igreja de forma análoga ao ensinamento do Apóstolo Paulo sobre o matrimônio cristão. Justifica-se a pesquisa devido à importância do tema para a teologia da Igreja Católica, uma vez que o tema está profundamente enraizado na Escritura, na Tradição e no Magistério; bem como da necessidade da abordagem do tema do amor esponsal no mundo atual como instrumento de evangelização para aqueles que saboreiam a experiência da vivência do Sacramento do Matrimônio.

**Palavras-chave:** Esponsalidade, Jesus Cristo, Igreja, Matrimônio.

## **ABSTRACT**

*This academic research work aims to present the theme of the spousal nature of Christ and the Church in a way analogous to the teaching of the Apostle Paul on Christian marriage. The research is justified due to the importance of the theme for the theology of the Catholic Church, since the theme is deeply rooted in Scripture, Tradition and the Magisterium; as well as the need to approach the theme of spousal love in today's world as an instrument of evangelization for those who savor the experience of living the Sacrament of Matrimony.*

**Keywords:** *Sponsorship, Jesus Chris, Church, Marriage.*

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	<i>Amoris Laetitia</i> , exortação apostólica
AT	Antigo Testamento
CEC	Catecismo da Igreja Católica
CIC	Código Direito Canônico
DCE	<i>Deus caritas est</i> , carta encíclica
DV	<i>Dei Verbum</i> , constituição dogmática
GS	<i>Gaudium et Spes</i> , constituição pastoral
LG	<i>Lumen gentium</i> , constituição dogmática
MD	<i>Mulieris Dignitatem</i> , carta apostólica
NT	Novo Testamento
PG	<i>Patrologiae cursus completus</i> . Series Graecae. J.P Migne
PL	<i>Patrologiae cursus completus</i> . Series Latina. J.P Migne
SC	<i>Sacrosanctum concilium</i> , Constituição Conciliar
SCh	<i>Sources Chétiennes</i> , Paris, 1941ss.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 A ESPONSALIDADE DE CRISTO E A IGREJA NA SAGRADA ESCRITURA</b> .....	12
1.1 NO ANTIGO TESTAMENTO .....	12
1.1.1 <b>A aliança vista a partir da criação</b> .....	13
1.1.2 <b>A Aliança a partir da Literatura Sapiencial</b> .....	14
1.1.2.1 O Cânticos dos Cânticos .....	14
1.1.2.2 O Salmo 45 (44).....	16
1.1.3 <b>A Aliança a partir da literatura profética</b> .....	17
1.2 NO NOVO TESTAMENTO .....	19
1.2.1 <b>A Aliança na Epístola de São Paulo aos Efésios</b> .....	20
<b>2 A ESPONSALIDADE DE CRISTO E A IGREJA NA PATRÍSTICA</b> .....	23
2.1 INÁCIO DE ANTIOQUIA.....	24
2.2 CLEMENTE ROMANO .....	24
2.3 IRINEU DE LIÃO .....	24
2.4 TERTULIANO .....	24
2.5 ORIGENES.....	25
2.6 AMBRÓSIO .....	25
2.7 AGOSTINHO .....	25
2.8 EXEGESE TEOLÓGICA DOS PADRES PARA EFÉSIOS 5,21-32 .....	26
<b>3 A ESPONSALIDADE DE CRISTO E A IGREJA NO MAGISTÉRIO</b> .....	27
3.1 ANTES DO CONCILIO VATICANO II .....	27
3.1.1 <b>Concílio de Trento</b> .....	27
3.2 NO CONCILIO VATICANO II.....	28
3.2.1 <i>Lumen Gentium</i> .....	28
3.2.2 <i>Dei Verbum</i> .....	28
3.2.3 <i>Sacrosanctum concilium</i> .....	29
3.2.4 <i>Gaudium et Spes</i> .....	29
3.3 APÓS O CONCILIO VATICANO II .....	30
3.3.1 <b>Papa Paulo IV</b> .....	30
3.3.2 <b>Papa João Paulo II</b> .....	31
3.3.2.1 <i>Mulieris dignitatem</i> .....	31
3.3.2.2 Em algumas catequeses das audiências gerais.....	32
3.3.3 <b>Papa Bento XVI</b> .....	34
3.3.4 <b>Papa Francisco</b> .....	34
3.3.4.1 Em algumas catequeses das audiências gerais.....	34
3.3.4.2 <i>Amoris Laetitia</i> .....	36
<b>4 A ESPONSALIDADE DE CRISTO E A IGREJA NA PASTORAL</b> .....	38
4.1 O OLHAR FIXO EM JESUS: A VOCAÇÃO DA FAMÍLIA.....	38
4.1.1 <b>O Sacramento do matrimônio</b> .....	39

4.1.1.1	O Sacramento do matrimônio no Código de Direito Canônico.....	40
4.1.2	<b>A Indissolubilidade do Matrimônio</b> .....	42
4.1.3	<b>A educação dos filhos</b> .....	43
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	46
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	48

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho une duas motivações que se movem fundamentalmente em uma mesma direção: de um lado, a relação de Cristo com a Igreja como relação esponsal; de outro, a relação esponsal do Marido com sua Esposa no Sacramento do Matrimônio.

Nos últimos anos a Teologia dirige um olhar mais atento à temática nupcial, em especial no campo da exegese, da antropologia, da cristologia, da eclesiologia e da teologia espiritual. No decurso de tantas reflexões, chama a atenção, de maneira particular, a relação esponsal de Cristo com a Igreja que, baseando-se na Sagrada Escritura, tanto no período patrístico quanto no Magistério da Igreja, foi e continua sendo focalizada.

O direcionamento apostólico que impulsionou o presente trabalho está intimamente ligado ao capítulo 5, versículo 25 da Carta de São Paulo aos Efésios que diz "e Vós, Maridos, Amai as Vossas Mulheres, Como Cristo Amou a Igreja e Se Entregou por Ela"<sup>1</sup>. Este direcionamento é análogo à dimensão nupcial da identidade de Cristo com sua Igreja e propõe dentro dessa pesquisa trazer reflexões teológicas do mistério esponsalício de Cristo-Esposo e Igreja-Esposa.

O tema da esponsalidade Igreja-Esposa e Marido-Esposa, merece ser colocado em evidência devido a três razões fundamentais: 1) porque brota da Sagrada Escritura e foi desenvolvido ao longo da tradição cristã; 2) porque obriga a considerar a Igreja como uma realidade própria que não surge de uma soma de membros, mas cuja personalidade é um verdadeiro mistério que nos leva ao íntimo de seu ser, 3) porque põe em consideração o fim último e central do mistério criador e redentor, ou seja, a união de Deus com a Igreja e com os homens.

O primeiro capítulo apresenta os principais elementos bíblicos sobre a esponsalidade entre Deus e o povo, foi dividido em duas partes, sendo que na primeira aborda-se a relação esponsal entre Iahweh e o seu povo no Antigo Testamento, tendo como ponto central a Aliança. A referência dar-se-á no livro Cântico dos Cânticos, no Salmo 45 (44) e nos escritos proféticos de Oséias, Jeremias e Ezequiel. Na segunda parte é apresentada a Revelação contida no Novo Testamento, ou seja, na Nova Aliança, que tem como centro Jesus Cristo como o Esposo da Igreja que emerge e se propaga. Para tanto, buscou-se nos Evangelhos Sinóticos, nos escritos

---

<sup>1</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1989. Nova Edição, revista. Todos os trechos bíblicos citados neste trabalho de pesquisa foram retirados desta tradução.

joaninos no Apocalipse e nos escritos paulinos – especialmente em Ef 5,22-32 – referências a esse amor esponsalício de Cristo pela sua Igreja.

O segundo capítulo apresenta a esponsalidade no período da patrística. Nesse período encontram-se elementos teológicos acerca da Igreja vista como Virgem, Mãe e Esposa de Cristo. É também esboçada uma relação de complementariedade entre a ideia do Corpo de Cristo e da Igreja como sua Esposa. Santo Inácio de Antioquia, Clemente Romano, Ireneu de Lião, Tertuliano, Orígenes, Ambrósio e Agostinho são os autores citados neste trabalho em razão da importância que dão em seus escritos ao tema abordado.

O terceiro capítulo, busca na doutrina exposta pelo Magistério da Igreja, elementos teológicos sobre o tema da Igreja enquanto Esposa de Cristo. Apresentar-se-ão escritos de antes, durante e após a realização do Concílio Vaticano II.

O quarto e último capítulo, apresenta em unidade com os assuntos propostos, direcionamentos pastorais retirados da atual e trabalhada Exortação Apostólica pós Sinodal *Amoris Laetitia* do Papa Francisco.

Por fim, será apresentada uma breve conclusão do entendimento feito após análise de todo o material de pesquisa, sobre a relação esponsal Cristo-Esposo/Igreja-Esposa e Marido-Esposo/Mulher-Esposa, analisando-se os fundamentos apresentados nos capítulos anteriores, para afirmar a esponsalidade do Homem e Mulher exemplo da esponsalidade de Cristo com a Igreja.

## 1 A ESPONSALIDADE DE CRISTO E A IGREJA NA SAGRADA ESCRITURA

O Matrimônio é um designo de Deus, na Sagrada Escritura sobretudo, observarmos a pedagogia do Senhor por meio da Lei e dos Profetas que nos ajuda a compreender o amadurecimento progressivo sobre a Aliança nupcial com Israel, e a preparação e prefiguração da Nova Aliança que seria realizada em Jesus com a sua esposa, a Igreja.

O projeto inicial de Deus foi de fato a Aliança vivida com amor total e, isso não é invenção da Igreja, mas projeto de Deus que se vê desde o início da Sagrada Escritura com a criação do homem e da mulher até o final do livro do Apocalipse onde se narra às núpcias do Cordeiro.

Por isso, o objetivo deste primeiro capítulo, é apresentar à luz da Palavra de Deus informações que fundamentam de forma substancial as reflexões da categoria "aliança" que podemos encontrar em toda a história do povo de Deus.

### 1.1 NO ANTIGO TESTAMENTO

Na compreensão do AT, pouco a pouco, são feitas considerações da aliança entre Yahweh e Israel com características nupciais, assim, temos o conceito de Deus-Esposo. O amor de Deus por Israel é comparado ao do noivo por sua noiva, ou do esposo pela esposa (Os 2,16; Jr 2,2.30-37; 3,1-13; Ez 16,8). Deus tem “ciúmes” por causa de Israel infiel; por isso castiga-o, mas também lhe promete um coração novo (Jr 30,17; 31,2-4.21-22; Ez 16,53-63) e novas bodas após o castigo do exílio (Os 2,16-25; 3,1-5; Lm 1,1-21; Is 49,14-21; 50,1-2; 51,17s; 54,1-10; Ct 1,1s).

Na Teologia do AT, coexiste uma ideia originária sobre o matrimônio que foi modificando-se ao longo da História do povo de Deus, porém existem dois aspectos essenciais que perpassam toda literatura bíblica do Antigo Testamento: o sagrado e o pecado.

A história do matrimônio no Antigo Testamento é marcada sobretudo por dois aspectos essenciais que configuram o relato do Gênesis: por um lado o fato de que o matrimônio remonta a uma instituição divina devendo por isso ser considerado sagrado; por outro lado, o fato de que tendo pecado é introduzido graves desequilíbrios no matrimônio, ele já não aparece em seu primitivo esplendor e é inclusive ofuscado por não poucos elementos negativos.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> ROCCHETTA, C, Os Sacramentos da Fé, Ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como “maravilhas da salvação” no tempo da Igreja, São Paulo: Paulinas, 1991. p. 420.

O aspecto do sagrado consiste em ver o gesto matrimonial que tem origem na "benção" de Deus e se realiza em sua presença, já o aspecto do pecado está na degradação do ideal divino no matrimônio.

### 1.1.1 A aliança vista a partir da criação

O Livro do Gênesis, usa uma linguagem mítica e simbólica, apresentando Deus de uma maneira, por vezes, muito antropomórfica, mas nem por isso deixa de expressar claramente as verdades de fé do povo de Israel acerca da obra da criação.

Em Gênesis (1,27-32), Deus cria o homem e a mulher à sua imagem para serem fecundos e os abençoa. "assim, o matrimônio aparece em toda a sua sacralidade[...], "instituído" e santificado pelo próprio Deus, em cuja presença se cumpre e se desenvolve".<sup>3</sup>

O Homem e a mulher recebem a benção de Deus para serem fecundos, determinando a finalidade do casal, sua vocação. Desde o início, a benção ao casal é para a fecundidade e a administração responsável da Terra. O casal recebe de Deus a tarefa de "continuar" a criação: "enchei a Terra e submetei-a" (Gn 1,28). Portanto, o matrimônio tem função social, a bênção matrimonial é de fertilidade e de domínio sobre a Terra, criados para povoar e dominar a Terra, unidos a Deus como união sponsal, o mistério primordial desta união sponsal dado na criação, relaciona-se a formação de corpo e alma do homem que unem em si o humano e o divino, o material e espiritual.

Em Adão e Eva, todos nós somos a esposa do Esposo, em Abraão o valor nupcial, é um pacto perpétuo, uma Aliança como um contrato matrimonial que Deus estabeleceu com o destinatário das bênçãos e promessas divinas, para condução do povo para à terra prometida (que representa a saída deste mundo para entrada no reino de Deus) configurando assim uma aliança eterna.

A preparação da Esposa de Deus acontece já em Israel quando se dá este pacto entre Deus e o seu povo, ou seja, ao firmar essa aliança eterna.

No Antigo Testamento Deus se revela ao povo eleito em Abraão como o seu Esposo, para mostrar a esse povo a profundidade do seu amor. A Aliança de Deus com Israel, o povo eleito, foi a preparação para o mistério da Igreja. Deus, qual um esposo, escolhe a Sua Esposa para fazer Aliança com ela, viver junto dela, amá-la. Toda a Bíblia é uma história desse amor, dessa aliança de Deus com seu povo. Daí ser ela

---

<sup>3</sup> Ibidem. p. 415.

formada de duas Alianças: Antiga e Nova; a primeira, provisória e passageira; a segunda, eterna e definitiva. Esta é a palavra-chave da Bíblia: Aliança.<sup>4</sup>

### 1.1.2 A Aliança a partir da Literatura Sapiencial

A aliança nupcial apresenta-se de forma marcante na literatura sapiencial, nos livros dos Cânticos dos Cânticos e no Salmo 44.

#### 1.1.2.1 O Cânticos dos Cânticos

O Cântico dos Cânticos é uma pequena obra integrante da literatura sapiencial veterotestamentária, formada apenas por oito breves capítulos.

Esses capítulos podem ser divididos em três partes. Depois de uma breve introdução (Ct 1,1-4), temos a parte central do livro, formada por quatro cantos de amor que todos terminam da mesma forma: primeiro poema (Ct 1,5-2,7), segundo poema (Ct 2,8-3,5), terceiro poema (Ct 3,6-5,8), quarto poema (Ct 5,9-8,4) e, por fim, uma conclusão (Ct 8,5-14).<sup>5</sup>

Sua autoria era tradicionalmente atribuída ao Rei Salomão, em razão da menção do nome do grande Rei de Jerusalém; Contudo, a expressão que lhe confere a paternidade real (lislomoh) pode ser interpretada de formas bastante diversas, tais como “escrito por Salomão”, “de Salomão”, “no estilo em que Salomão escrevia”, “referente a Salomão” ou até “em honra de Salomão<sup>6</sup>. Ele teria escrito esta obra com o fim de conquistar a simpatia dos judeus que voltaram do exílio em relação aos anseios dos autóctones, visando à mútua colaboração com o objetivo de promover a coesão social e a transmissão das tradições para todos os judeus, sejam os que viviam na sua pátria, seja dos expatriados<sup>7</sup>.

A mensagem central do Cântico dos Cânticos seria a restauração da dinastia de Davi frente ao Povo de Israel, não por saudades do passado, mas para que se demonstre que a realeza seria a melhor forma de governo para a nação.

O autor formulou este tema não na linguagem poética de um romantismo intimista, mas na terminologia jurídica dos tratados políticos da Antiguidade. Uma dessas

<sup>4</sup> AQUINO, F. A Minha Igreja, São Paulo: Editora Cléofas, 2002, p. 25.

<sup>5</sup> LUZA, Nilo. Livros Sapienciais 6, Extraído de <https://www.paulus.com.br/portal/livros-sapienciais-6-canticos-dos-canticos/#.YZKCAGDMKUK>, em 13 de agosto de 2021.

<sup>6</sup> BORTOLINI, José. Livros Sapienciais. Aparecida: Editora Santuário, 2018, p. 71.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 74.

palavras é “amor”, usada como sinônimo de aliança social e política entre Estados, reis e grupos sociais, quando formalizada por acordo escrito. Por conseguinte, as expressões de amor da Sulamita por Salomão designam a aliança política entre o rei e o povo. Os gestos de apreço mútuo – beijos, abraços, recepção em casa, refeição em comum – tem significado de ritos simbólicos de aliança, como manifestação não verbal de pertença mútua.<sup>8</sup>

O Cântico dos Cânticos é, assim, uma das obras do AT que muitos autores cristãos aproveitaram esse escrito para fazer analogias da relação de Deus como o Esposo de Israel e, conseqüentemente, Israel como a esposa de Deus. Mais tarde, isso foi transferido para a relação de Cristo com a Igreja, ou seja, Cristo o Esposo divino da Esposa Igreja.

Na introdução do Cântico dos Cânticos temos que a interpretação alegórica é muito mais antiga. Tornou-se comum entre os judeus a partir do século II da nossa era: o amor de Deus por Israel e o do povo por seu Deus são representados como o relacionamento entre dois esposos; seria o mesmo tema do matrimônio que os profetas desenvolveram desde Oséias. Os autores cristãos, sobretudo por influência de Orígenes e apesar da oposição individual de Teodoro de Mopsuéstia, seguiram a mesma linha que a exegese judaica, mas nos seus escritos a alegoria se transformou na das núpcias de Cristo com a Igreja ou da união mística da alma com Deus. Muitos comentadores católicos modernos permanecem fiéis a essa interpretação alegórica, sob várias formas. Eles se limitam ao tema geral de Iahweh esposo de Israel, ou então procuram encontrar no desenrolar do Cântico a história das conversões de Israel, de suas desilusões e esperanças.

A interpretação mais antiga na tradição judaica e cristã dá ao livro do Cântico dos Cânticos um significado de ordem religiosa, ou seja, descreve o amor entre Deus e o seu povo nos termos do amor humano. Este tema terá prolongamento entre profetas (cf. Os 1-3; Is 62,5; Jr 3,1-10; Ez 16;23). Em sentido literal o livro parece ser uma celebração do amor e da fidelidade entre um homem e uma mulher. Considerando que o amor humano em si mesmo já é um eco do amor divino, o livro encontra-se essencialmente orientado para isso.

A fé cristã professa que, em Jesus, acontece o cumprimento de todas as promessas do Antigo Testamento, as quais constituíam a esperança do povo de Israel. Por isso, a Igreja, o Povo de Deus no Novo Testamento, aplica para a sua relação com seu Senhor, Jesus Cristo, o que vem apresentado no Cântico dos Cânticos.

“A voz do meu amado! Vejam: vem correndo pelos montes, saltitando nas colinas! Como um gamo é meu amado... um filhote de gazela” (Ct 2,8-9), O amado é identificado com

---

<sup>8</sup> STADELMANN, I.L. Cântico dos Cânticos. São Paulo, Loyola, 1993, p. 16.

Cristo, ao passo que a amada é a figura da Igreja, seja ela compreendida de forma coletiva ou individual. Por todo o período dos Santos Padres e até além, este livro será lido tendo em conta esta visão da união esponsal entre Cristo e a Igreja, o que gerou uma grande quantidade de comentários.

Justamente pela meditação do Cântico, os Padres desvelam toda a riqueza de significado contido na expressão de São Paulo chamando a Igreja de Corpo de Cristo, com aquele realismo espiritual presente de modo especial na Epístola aos Efésios (Ef 5,25-27)<sup>9</sup>.

A partir desta profunda e permanente união esponsal existente entre o Cristo, o amado e a Igreja, a amada, se pode facilmente perceber a incoerência existente naqueles que pretendem afirmar que aceitam a Cristo, mas não aceitam a Igreja, que quer pertencer a Cristo, mas não quer pertencer à sua amada Igreja. De igual forma, não seria possível afirmar que se ama a Cristo, que se quer pertencer a Cristo, mas não se ama ou não se quer pertencer a Igreja.

#### 1.1.2.2 O Salmo 45 (44)

A palavra salmo vem do grego e quer dizer “canto acompanhado com instrumento musical”, o Salmo 45 (44) é um dos cento e cinquenta hinos, canções e orações que o povo de Israel foi rezando e cantando ao longo dos séculos de sua história e que compõe o Livro dos Salmos também chamado de Saltério, palavra grega (psaltérion) que indica um instrumento musical de cordas.

O salmo 45 (44) é um canto dedicado a um rei no dia de seu casamento. O salmista apresenta uma figura real ou ideal de um soberano, a esposa que é escolhida entre várias, a rainha Mãe e um séquito de moças que acompanham a noiva. Ele apresenta muitos pontos de contato com o Cântico dos Cânticos, seja quanto ao tema, seja quanto aos verbos utilizados, podemos citá-lo como um poema que canta a união esponsal de Deus com o seu Povo, prefigurando a união esponsal entre Cristo e a Igreja.

O poema está emoldurado entre os versículos 2 e 18, no qual o salmista apresenta a sua missão. Sua composição está dividida em duas partes diversas e complementares. A primeira parte, é dedicada ao louvor do rei que, na beleza de sua figura e na afabilidade de seu caráter, identifica-se a bênção de Deus que para sempre deverá repousar sobre seu soberano. Ao lado

---

<sup>9</sup> Ibidem, p. 17.

da imagem do rei como herói de guerra coloca-se a do soberano da paz, fala-se do rei em suas variadas atividades e funções:

És o mais belo dos filhos dos homens, a graça escorre dos teus lábios, porque Deus te abençoou para sempre. Cinge a tua espada sobre a coxa, ó valente, com majestade e esplendor; vai, cavalga pela causa da verdade, da pobreza e da justiça. Tendes a corda do arco, tornando terrível a tua direita! Tuas flechas são agudas, os povos submetem-se a ti, os inimigos do rei perdem a coragem. Teu trono é de Deus, para sempre e eternamente O cetro do teu reino é cetro de retidão! Amas a justiça e odeias a impiedade. Eis porque Deus, o teu Deus, te ungiu, com o óleo da alegria, como a nenhum dos teus companheiros; (Sl 44,3-8).

Na segunda parte, descreve-se em curtos rasgos a festa do casamento:

Mirra e aloés perfumam tuas vestes. Nos palácios de marfim, o som das cordas te alegra. Entre tuas amadas estão as filhas do rei; à tua direita uma dama, ornada com ouro de Ofir. Ouve, ó filha, vê e inclina teu ouvido: Esquece o teu povo e a casa do teu pai; que o rei se apaixone por tua beleza: prostra-te à sua frente, pois ele é o teu senhor! A filha de tiro alegrará teu rosto com seus presentes, E os povos mais ricos com muitas joias cravejadas de ouro. Vestida com brocados, a filha do rei é levada para dentro, até o rei, com séquito de virgens. Introduzem as companheiras a ela destinadas e com júbilo e alegria elas entram no palácio do rei (Sl 44,9-16).

Concluindo-se com o os votos pelo rei: Em lugar de teus pais virão teus filhos, E os farás príncipes sobre a terra toda. Comemorarei teu nome de geração em geração, E os povos te louvarão para sempre e eternamente (Sl 44,17-18).

Atualmente tem prevalecido a corrente que defende a origem do salmo relacionada a um soberano do Reino de Judá. Posteriormente, esta imagem haveria sido transferida para o Messias e, nos primórdios da Igreja ocorreu a confirmação e o desenvolvimento deste sentido messiânico, sem, contudo, excluir o seu significado literal no contexto da história do Povo de Deus do Antigo Testamento.

### 1.1.3 A Aliança a partir da literatura profética

Com o decorrer do tempo e com o multiplicar-se das infidelidades do povo, surgem os profetas para reafirmar que o núcleo central das relações entre Deus e o seu povo está na aliança fundada no amor, estes profetas foram, especialmente, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Oséias.

Nos livros proféticos, dá-se o remanejamento deuteronomista, ou seja, estabelece-se, enfim, uma aliança nova, eterna, em que Deus – pelo correlativo do Espírito, vai renovar o coração humano de tal maneira que ninguém jamais romperá o compromisso assumido (Jr 30,13;31,27-34; Ez 11,17-20;16,59-63; 36,22-32;37,21-28).<sup>10</sup>

O profeta Isaías, faz referência à aliança de Yahweh com o Povo Eleito do AT, porque o teu esposo será teu criador, Yahweh dos exércitos é seu nome (Is 54,5), este versículo encontra-se no contexto do final do segundo Isaías, no qual o profeta anuncia a redenção e a salvação de Israel comparando-a com um novo êxodo a um povo que vivia em uma condição muito modesta depois do exílio, ele anuncia a possibilidade de retorno à glória e a grandeza do passado, vendo a continuidade da história.

Jeremias começa sua pregação com a pretensão de conduzir a conversão o povo que era infiel ao seu Deus, buscando que esse povo reconheça a necessidade de arrependimento. Quer que o povo recorde e testemunhe todo o bem que Deus havia feito por Ele, especialmente quando da libertação do Egito.

Quando o profeta começa o seu ministério de pregação, tem como objetivo o de levar o povo a reconhecer a necessidade de arrependimento. Ele inicia a sua argumentação comparando a atitude do povo para com Deus quando da infância da nação, isto é, quando saía do Egito obedecendo a voz de Deus, e após a entrada na terra prometida, quando se tornara infiel, servindo aos ídolos. (...) Jeremias convoca o povo a testemunhar sobre aquilo que Deus fizera de bom para Israel e explicar a razão que o levava a trocá-lo por outros deuses, coisa que nenhuma outra nação faria.<sup>11</sup>

Na profecia de Jeremias encontramos algumas acusações que Yahweh faz contra seu povo eleito, o qual, contrariando as expectativas divinas, é infiel à aliança de amor que tinha com Deus: Como ousas dizer: ‘Não me profanei, não corri atrás de ídolos?’ Observa o teu caminho no vale, reconhece o que fizeste. Camela ágil que cruza seus caminhos, jumenta selvagem, acostumada ao deserto, que no ardor de seu cio sorve o vento; quem freará a sua paixão" (Jr 2,23-24). Estas acusações dirigem-se aos dois reinos divididos onde habitava o Povo de Deus, ou seja, Israel e Judá.

O profeta Ezequiel, denuncia a infidelidade do povo de Israel à aliança com Yahweh: “Tu te prostituíste com os egípcios, teus vizinhos de corpos sensuais, aumentando teu aviltamento para me irritar. Não satisfeita, ainda te prostituíste com os assírios. Tu te entregaste a ele, mas não ficaste satisfeita. Multiplicaste tuas prostituições até no país dos mercadores, a

<sup>10</sup> LACOSTE, J. Dicionário crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 88.

<sup>11</sup> PLAMPIN, R. Jeremias, seu ministério, sua mensagem. Rio de Janeiro: Juerp, 1987, p. 13.

Caldéia. Por isso, prostituta, ouve a palavra do Senhor” (Ez 16,35); começa recordando todos os benefícios que fez em favor de seu povo, comparando-o com uma mulher. Por sua vez, o povo, se aproveitando de todos os bens que Deus o tinha confiado, confiou em si mesmo e foi infiel a ele.

O livro de Oséias testemunha a perspectiva da infidelidade, onde os termos “prostituição” e “adultério” designam o pecado de Israel. O profeta recebe a ordem de desposar uma prostituta; nesse casal simbólico, o povo deverá reconhecer sua situação de infidelidade em relação a Iahweh.

Processai a vossa mãe, processai. Porque ela não é a minha esposa, e eu não sou o seu esposo. Que ela afaste do seu rosto as suas prostituições e de entre os seios os seus adultérios. Senão eu a despirei completamente, a deixarei como no dia de seu nascimento, torná-la-ei semelhante a um deserto, transformá-la-ei numa terra seca, fá-la-ei morrer de sede. Não amarei os seus filhos, porque são filhos da prostituição. Sim, sua mãe prostituiu-se, cobriu-se de vergonha aquela que os concebeu, quando dizia: Quero correr atrás de meus amantes, daqueles que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e a minha bebida. Por isso cercarei o seu caminho com espinhos e o fecharei com uma barreira, para que não encontre suas sendas. Perseguirá seus amantes sem alcançar, procurá-los-á, mas não os encontrará (Os 2,4-9).

Em meio à intensa dor de seu drama pessoal, o profeta Oséias começa a compreender a tremenda realidade das infidelidades do povo de Israel para com Deus.

Deus é um esposo que escolheu Israel como sua esposa querida, amou-a apaixonadamente, desposou-a pela Aliança, mas essa, não satisfeita com todas as demonstrações de amor do esposo, entregou-se a amantes ocasionais, que nada fizeram por ela. A Aliança de Deus é a expressão externada de um amor sem limites. O rompimento dessa é o de um laço de amor.

## 1.2 NO NOVO TESTAMENTO

No NT, a Nova Aliança de Deus com seu povo, se dá pelo Mistério da Encarnação do seu filho Jesus Cristo que é o mistério fundamental do Cristianismo, a realidade básica na qual se apoia o mistério da ressurreição e da glorificação do filho de Deus feito homem. Assim, fundamenta também a total realização de sua obra redentora em favor da Igreja, seu Corpo e sua Esposa.

Ao longo dos evangelhos, encontramos algumas passagens nas quais o próprio Cristo compara sua união com a Igreja ao matrimônio, tais como: Mt 9,15, Mc 2,19-20 e Lc 5,34-35

(debate com os fariseus sobre o jejum); Mt 22,1-13 (Parábola do banquete nupcial); Mt 25,1-13 (Parábola do noivo e das 10 virgens).

Em São Paulo a simbologia nupcial no NT, situa-se na linha do AT, retomando o simbolismo da união conjugal, com as suas características, para apresentar a união histórico-escatológico de Cristo com a Igreja.

Para Paulo, o "*mysterion*" é o plano salvífico de Deus, o seu projeto de aliança de nos transmitir aquilo que o filho e o Espírito Santo possuem de mais íntimo. O apóstolo usa o termo "*mysterion*" precisamente para significar que o matrimônio está dentro do grande mistério do plano salvífico de Deus e é ele próprio mistério. A aliança centrada na entrega Cristo que suscita a Igreja é união nupcial por excelência. O matrimônio é sinal sacramental dessa realidade misteriosa. portanto o matrimônio é reprodução da relação existente entre Cristo e a igreja sendo ao mesmo tempo elevado a dignidade sublime daquilo de que participa.<sup>12</sup>

A Doutrina paulina do matrimônio apoia-se no mistério da união de Cristo com a Igreja. As núpcias de Cristo com a Igreja seriam impensáveis se Cristo não tivesse renovado o mundo que assim pode tornar-se de certa forma o esposo. o primeiro Adão transmitiu a todos o pecado, mas o segundo Adão renovou o mundo inteiro, porque este participa da realidade do Cristo ressuscitado (Rm 5,14-21;6,5-11;1 Cor 15,49).

O apóstolo João apresenta a Igreja como a Esposa de Cristo. O Esposo a chama a participar da plenitude de sua glória: a Esposa está pronta e purificada para as núpcias, porque o seu Senhor a adquiriu com o sacrifício de seu sangue. O anúncio de núpcias solenes do Cordeiro com a Igreja é citado no Livro do Apocalipse: "Alegremo-nos e exultemos, demos glória a Deus porque estão para realizar-se as núpcias do Cordeiro, e sua Esposa já está pronta: concederam-lhe vestir-se com linho puro, resplandecente" - pois o Linho representa a conduta justa dos santos. A seguir disse-me: "Escreve: felizes aqueles que foram convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro" (Ap 19,7-9).

Assim a vitória do Cordeiro coincide com as núpcias da Igreja, associada desse modo ao grande triunfo escatológico de Cristo.

### 1.2.1 A Aliança na Epístola de São Paulo aos Efésios

É na Carta de São Paulo aos Efésios, 5,21-32 que se encontra o fundamento bíblico principal e a motivação inicial para a realização deste trabalho de pesquisa. Nesta passagem,

---

<sup>12</sup> ROCCHETTA, C, 1991. p. 432.

São Paulo transmite à comunidade de Éfeso a doutrina acerca do Sacramento do Matrimônio, mostrando a conexão que há entre ele e a relação sponsal entre Cristo e a Igreja, também os maridos devem amar suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos.

Submetei-vos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos, como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja e o salvador do Corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos. E vós, maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim também os maridos devem amar suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo, pois ninguém jamais quis mal à sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como faz Cristo com a Igreja, porque somos membros do seu corpo. Por isso, deixará o homem o seu pai e a sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão uma só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a Igreja. Em resumo, cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo e a mulher respeite o seu marido (Ef 5,21-32).

Ef 5,21-32 insere-se no desenvolvimento que Paulo faz da sua doutrina eclesiológica: Cristo é a cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. Nesta epístola, São Paulo mencionou, até chegar a este ponto, a palavra cabeça por duas vezes (1,22 e 4,15) e seis vezes a palavra corpo (1,23; 2,16; 3,6; 4,4; 4,12; 4,16). Toda esta doutrina eclesiológica sobre Cristo como Cabeça da Igreja é agora aplicada ao matrimônio, para depois ser recuperada, novamente, pela eclesiologia (v. 32). E daí resulta um notável enriquecimento tanto para a doutrina eclesiológica como matrimonial. No seguimento da teologia que Paulo desenvolve até aqui acerca do Corpo de Cristo, Ef 5,21-32 giras em torno do tema do corpo e da carne ou, mais concretamente, em torno da expressão «uma só carne», Gn 2,24. Agora, o marido é a cabeça da mulher, tal como, até aqui, Cristo era a cabeça da Igreja (v. 23). E tal como Cristo amou o Seu Corpo, que é a Igreja, também os maridos devem amar as esposas como o seu próprio corpo (v. 25 e 28). E como a Igreja é Corpo de Cristo, também as esposas são corpo do marido, porque, citando Gn 2,24, «serão os dois uma só carne» (v. 28 e 31). Se são os dois «uma só carne», amar a esposa é amar-se a si mesmo, e cuidar dela é como cuidar o próprio corpo, essa carne sua que ela também é. Cristo, que ama, redime e cuida da Igreja, é apresentado como modelo do marido, e a ideia original da costela de Adão (Gn 2,21-22), da qual Eva é tirada (daí serem uma só carne), é levada às suas consequências mais profundas e ganha um sentido que era completamente inesperado no AT: ser sinal da união de Cristo com o Seu Corpo, que é a Igreja.

O texto desta perícopes, serve de síntese e permite que se perceba a comparação que o autor da carta aos Efésios faz da relação existente entre marido e esposa com a relação existente

entre Cristo e a Igreja. Assim, o apóstolo apresenta uma nova interpretação e orientação cristã para as relações do casal, fundamentado na fé em Jesus Cristo, o que faz desejar a fidelidade e a dedicação mútua entre os esposos.

## 2 A ESPONSALIDADE DE CRISTO E A IGREJA NA PATRÍSTICA

A temática de Cristo Esposo da Igreja e a Igreja Esposa de Cristo, revelada na história da Salvação, é retomada no período da patrística, com interpretações feitas da Sagrada Escritura. Na própria explicação dos textos sagrados, os Padres encontravam a oportunidade de desenvolver o tema e contemplar o semblante radioso da Esposa fiel. É principalmente nisso, e na experiência litúrgica, que se percebe com mais clareza este mistério de comunhão, que inicia no batismo e se renova na eucaristia, os dois sacramentos “nupciais” da Igreja Esposa<sup>13</sup>.

A Igreja, para os antigos cristãos é, antes de tudo, uma sociedade de amor, edificada sobre o amor de Deus que se revela em Jesus Cristo. Por isso, a melhor expressão se encontra no amor Ágape que, originariamente, está vinculado à Eucaristia. A expressão mais profunda e significativa desta característica da Igreja está na denominação de ser ela a Esposa de Cristo.<sup>14</sup>

A Sagrada Escritura, desde o princípio, considerou a comunidade humana como imagem e analogia do amor divino para com a humanidade, e a correspondência desse amor por parte da humanidade a Deus. Os Santos Padres, ao tratar da criação do homem e da mulher, à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27), viram a figura de Cristo como o novo Adão e, de modo complementar, consideraram a Igreja como a nova Eva.

A Igreja é a Esposa prefigurada em Eva, eleita desde toda a eternidade para unir-se a Cristo numa eterna Aliança de amor e formar com Ele um só Corpo. Portanto, o homem e a mulher são figuras místicas da Aliança de Cristo com a Igreja<sup>15</sup>.

Eis um elemento antropológico originário e interpretado à luz de um dado cristológico.

Os Padres da Igreja descobriram um paralelismo misterioso entre a formação da primeira mulher e a formação da Igreja. Consideram a Igreja Esposa de Cristo, pois através d’Ele, de seu Corpo, ela foi formada e é parte d’Ele, é também sua esposa. Aqui se esboça uma relação muito profunda entre a ideia do Corpo de Cristo e da Igreja, como Esposa de Cristo. Ambas complementam-se entre si. Se a ideia de Corpo expressa a unidade perfeita da Igreja com a Cabeça que é Cristo, a ideia de Esposa expressa o amor livre entre ambos.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> CERVERA. Jesus, et al, A Igreja, Esposa de Cristo: nos Padres da Igreja e na Liturgia, São Paulo: Editora Cidade Nova, 1984, p. 150.

<sup>14</sup> CASEL. Odo, *Misterio de la Ekklesia: La comunidad de todos los redimidos en Cristo*, Madrid: Ediciones Guadarrama, 1964, p. 76.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 77.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 80.

Apresento a seguir alguns testemunhos do período da patrística sobre o tema da esponsalidade de Cristo com a Igreja.

## 2.1 INÁCIO DE ANTIOQUIA

Em Inácio de Antioquia, a Igreja aparece como fruto da Encarnação e da Paixão de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, de sua Ressurreição. Ele considera a Paixão de Cristo “divina e bem-aventurada”, pois foi aceita e consumada por Deus, mediante a Ressurreição. Por ela, Cristo adquiriu o Corpo da Igreja, a qual podemos identificar sua Esposa. A interpretação que Inácio dá ao matrimônio e à virgindade demonstra a influência de Paulo. Para ele o matrimônio simboliza a Aliança eterna entre Cristo e sua Esposa, a Igreja.

## 2.2 CLEMENTE ROMANO

Uma das mais antigas homilias do século II, chamada “Segunda Carta de Clemente”, constitui um dos primeiros textos a explicitar mais claramente o tema da esponsalidade. Assim o autor julga que a Igreja viva é o corpo de Cristo. Pois, segundo a Escritura, Deus fez o ser humano varão e mulher; o varão é o Cristo; a mulher, a Igreja.

## 2.3 IRINEU DE LIÃO

Ireneu de Lião, em seus escritos, recorda a doutrina da Igreja como Esposa de Cristo. O autor afirma que o matrimônio de Moisés alude ao matrimônio espiritual de Jesus e sua esposa, revelando-se na Igreja dos gentios.

## 2.4 TERTULIANO

Tertuliano destaca a experiência nupcial da Igreja mediante aos sacramentos. Provavelmente sua inspiração venha da carta aos Efésios, que fala num banho de água, com o qual a esposa é purificada. Tertuliano diz que quando a alma vem à fé, recriada mediante um segundo nascimento da água e pela virtude proveniente do alto, ela é recebida pelo Espírito Santo. Feliz matrimônio, se ela não admitir adultério.

Fala também de Deus como Pai, a ideia de Igreja Mãe e Esposa vem em mente. Ele é o primeiro a aplicar o título de Mãe à Igreja.

## 2.5 ORIGENES

Orígenes vai afirmar que a Esposa (Igreja) já existia antes da vinda do Salvador Jesus Cristo. Ela existe desde a formação do gênero humano, ou seja, desde a criação do mundo. A instituição da Igreja deu-se no início dos novos tempos. Assim sendo, a união esponsal entre Cristo e a Igreja tem início na encarnação do Verbo.

Orígenes aplica a temática nupcial à relação entre Cristo Esposo e a Igreja Esposa. Compreende que o esposo é Cristo, e a Igreja é essa esposa sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. A interpretação espiritual tem por objeto Igreja que vai a Cristo sob as figuras da esposa e do esposo, e a alma que se une ao Verbo de Deus. A Igreja é a esposa e por isso também a alma esposa; juntos o singular e o coletivo cristão. A esposa é a Igreja, que deseja unir-se com Cristo e, por Igreja, entende-se o conjunto de todos os santos.

## 2.6 AMBRÓSIO

Sobre a temática da sponsalidade, Ambrósio faz uma exposição ampla e abarca o conjunto das tipologias, com uma preferência pela experiência sacramental da Igreja-Esposa no batismo. Inspirado no Cântico dos Cânticos, Ambrósio descreve a beleza da Igreja, sendo que é nas almas que ela se torna bela e que o Verbo de Deus cancelou sua culpa, por isso não tem defeito. Sendo assim, Jesus foi atraído pelo desejo de um tão grande coração, pela beleza do seu ornamento e pela sua graça, já que naqueles que foram lavados não existe mais qualquer mancha de culpa.

## 2.7 AGOSTINHO

Agostinho, apresenta uma perspectiva mais ampla, a do “*Christus totus*” Doutrina cristológica segundo a qual Cristo, como Cabeça, está sempre presente edificando sua Igreja, que é o seu Corpo. Na medida em que Cristo é a Cabeça de seu corpo que é a Igreja, ele garante não apenas a fundamental e imutável santidade de sua Igreja, mas é também o mediador de toda a graça.

## 2.8 EXEGESE TEOLÓGICA DOS PADRES PARA EFÉSIOS 5,21-32

Os Padres compreenderam o Matrimônio como "*Sacramentum Magnum*" (Ef 5,32); Os cristãos estão intimamente ligados mediante seu batismo ao novo casal escatológico Cristo-Igreja<sup>17</sup>. Em todo caso, encontraremos nos Padres duas aplicações diversas do *Sacramentum Magnum*. Para uns esta é a interpretação mais antiga, essa expressão aplica-se ao casal humano nas suas ligações com o casal Cristo-Igreja. Clemente de Alexandria, no início do séc. III, Gregório Nazianzeno, Atanásio no séc. IV a testemunham<sup>18</sup>.

A seguir essa interpretação desaparece no Oriente, retornando algumas vezes no início do séc. VI. Para os outros, o casal escatológico Cristo-Igreja é o *Sacramentum Magnum*. Trata-se da interpretação alegórica de Gn 2,24. Ela domina no início do séc. III e prevalece no Oriente e, depois, também no ocidente<sup>19</sup>.

Evidentemente as duas interpretações não são completamente separadas como poderia parecer e é possível encontrar uma interpretação que, de alguma forma, sirva de ponte entre as duas posições;

A tal ponto que em Santo Agostinho, por exemplo, e seguindo a sua tendência platonizante, nasce uma teologia dos sinais e das imagens através da qual se revela realidade superior. Daí em diante, o matrimônio humano já não é em si *Sacramentum magnum*; este está reservado à união entre Cristo e a Igreja, mas ele está reduzido a ser apenas *sacramentum*, sinal da união entre Cristo e a Igreja.<sup>20</sup>

Na realidade, essas duas interpretações apresentam-se limitadas e nem sempre, ao que parece, em correspondência com o próprio texto de Paulo. De Fato, o que Paulo queria ensinar era que os esposos não eram simplesmente sinais, fato que lhes conferia responsabilidades morais, mas que eram também casal superior, sem dúvida, análogo ao casal primordial, mas muito superior, e, portanto, só os batizados podiam ver sua união como específica e diversa da dos não-casados.<sup>21</sup>

Por outro lado, o fato de ter considerado o matrimônio como sinal da união de Cristo com a Igreja restringiu o ensinamento do Apóstolo a considerações de indissolubilidade etc.

<sup>17</sup> NOCENT, A. et al. Os sacramentos, teologia e história da celebração. Coleção Anámnese. São Paulo: Paulinas, 1989 p. 372.

<sup>18</sup> DACQUINO, Pietro. Storia delmatrimonio cristiano alla luce della Bibbia. Cascine Vica: Elledici, 1988 p. 582-619.

<sup>19</sup> NOCENT, A. et al, 1989, p. 372.

<sup>20</sup> Ibidem. p. 372.

<sup>21</sup> Ibidem. p. 372.

### 3 A ESPONSALIDADE DE CRISTO E A IGREJA NO MAGISTÉRIO

O simbolismo esponsal possui uma relevante importância na relação de Deus com o seu povo no âmbito da revelação cristã. O tema da Igreja Esposa se faz presente na história da Igreja, de maneira especial junto aos autores medievais e modernos.

Neste capítulo serão apresentados os ensinamentos do Magistério da Igreja sobre o tema esponsalidade de Cristo com a Igreja no Magistério. O percurso do presente dar-se-á na explanação de escritos e publicações realizadas no período anterior e posterior ao "Concílio Vaticano II".<sup>22</sup>

#### 3.1 ANTES DO CONCÍLIO VATICANO II

No Magistério da Igreja o tema da Igreja Esposa de Cristo esteve presente durante muitos séculos, mas antes sem um aprofundamento especial.

##### 3.1.1 Concílio de Trento

A reforma da Igreja Católica, ocorrida no século XVI, foi marcada fundamentalmente pela realização do Concílio de Trento, no qual um dos temas que se destaca é o dos Sacramentos.

Quanto ao Sacramento do Matrimônio, há em Trento, elementos de doutrina e cânones. O Concílio de Trento afirma que o perpétuo e indissolúvel vínculo matrimonial foi proclamado já na criação do mundo, quando, após criar homem e mulher, o Criador determina que eles deixem a casa de seus pais e formem uma só carne<sup>23</sup>. Em seu tratado sobre o sacrifício da Missa, diz que Jesus, quando teve que partir deste mundo, desejou de sua amada esposa, a Igreja, a representação perene e o memorial de seu sacrifício na cruz.

---

<sup>22</sup> Concílio que se realizou no Vaticano, de 11 de outubro de 1962 a 08 de dezembro de 1965, que é um marco na vida da Igreja.

<sup>23</sup> *Matrimonii perpetuum indissolubilemque nexum primus humani generis parens divini Spiritua instinctu ronuntiavit, cum dixit: "Hoc nunc os ex ossibus meis, et caro de carne mea. Quamobrem reinquet homo patrem suum et matrem, et adhaerebit uxori suae, et erunt duo in carne una* [Gn 2,23; cf. Mt 19,5; Eph 5,31] (DH 1797).

E, não só no sacrifício da Missa, senão em toda a atividade litúrgica da Igreja, que se dinamiza na sua relação da Esposa com o Salvador, Cabeça e Esposo. Precisamente na liturgia a Igreja manifesta-se como amante, Esposa do Cordeiro, que eternamente pertence a seu Esposo.<sup>24</sup>

## 3.2 NO CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio Vaticano II, sem deixar de ser dogmático, foi um concílio pastoral com vontade de renovação, põe seus “olhos voltados para sua origem normativa: Jesus Cristo, e no testemunho dele”<sup>25</sup>, e lê a missão da Igreja não segundo a manutenção da sua sustentabilidade histórica, mas segundo “sua missão no tempo e para os homens deste tempo”<sup>26</sup>: comunicadora do mistério de amor que a redime e a une ao seu Senhor.

O Concílio retoma oficialmente a imagem da Igreja-Esposa com certo destaque em relação a outras imagens bíblicas.<sup>27</sup>

### 3.2.1 *Lumen Gentium*

Na Constituição sobre a Igreja, esta é descrita como “a esposa imaculada do Cordeiro”<sup>28</sup>, chamada, por isso mesmo, à santidade<sup>29</sup>; vive na expectativa do encontro escatológico com seu Esposo-Cristo<sup>30</sup>, ansiando por esta meta na expectativa do Espírito, no qual e através do qual procura crescer na fidelidade<sup>31</sup> ao amor daquele que amando-a entregou-se por ela.

### 3.2.2 *Dei Verbum*

Também a Constituição sobre a Revelação Divina declara um carisma especial que configura a Esposa de Cristo em relação às Escrituras, isto é, ela é dotada de uma espécie de

---

<sup>24</sup> DENSINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007, 1740.

<sup>25</sup> FEINER, Johannes. *Mysterium salutis*: compêndio de dogmática histórico-salvífica. São Paulo: Vozes, 1975. p. 5-6.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. 2007, p. 188.

<sup>28</sup> LG 6.

<sup>29</sup> LG 39.

<sup>30</sup> LG 4.

<sup>31</sup> LG 8.

inteligência particular em vista da sua compreensão e comunicação, sob a assistência do Espírito Santo<sup>32</sup>.

### 3.2.3 *Sacrosanctum concilium*

A Constituição sobre a Sagrada Liturgia, por sua vez, frisa que o lugar apropriado ao encontro ou união sponsal da Igreja-Esposa e do Cristo-Esposo não é outro senão a ação litúrgica, na qual “Cristo sempre associa a si a Igreja”<sup>33</sup>, confiando a ela o sacramento do seu Corpo e Sangue, isto é, a Eucaristia<sup>34</sup>. E neste sentido específico, figura a oração litúrgica, como “a voz da Esposa que fala ao Esposo”<sup>35</sup>, enquanto celebra ao longo do ano litúrgico “a obra salvífica do seu divino Esposo”.<sup>36</sup>

### 3.2.4 *Gaudium et Spes*

Em sua Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, os Padres Conciliares não deixaram de se pronunciar acerca da questão matrimonial.

Na segunda parte da *Gaudium et Spes*, se apresentam alguns dos problemas mais urgentes a serem enfrentados pela Igreja, surge em primeiro lugar a promoção da dignidade do matrimônio e da família, recordando a profunda integração existente entre o bem-estar da família e o da sociedade.<sup>37</sup>

Destaca-se o fato de que o Matrimônio é uma instituição divina, ou seja, que tem ao próprio Deus como autor; portanto, não pode ser mudado em suas propriedades essenciais pela vontade humana. Cabe também ressaltar que a instituição matrimonial nunca é de caráter privado, ou seja, que ela não interessa apenas aos cônjuges e, no máximo aos filhos. Pelo contrário: o matrimônio é um bem público, que afeta diretamente toda humanidade. Por isso, deve ser tutelada tendo em vista os interesses do bem comum; E que o matrimônio natural, existente desde os primórdios dos tempos, foi elevado por Cristo, na ordem da redenção, ao grau de sacramento. E isto se fez de uma forma tão verdadeira e significativa que o próprio

---

<sup>32</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II: Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina. 2007, p. 348.

<sup>33</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II: Constituição *Sacrosanctum* sobre a revelação divina. 2007, p. 143.

<sup>34</sup> SC 47.

<sup>35</sup> SC 84-85.

<sup>36</sup> SC 102.

<sup>37</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II: Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. 2007. p. 507.

Senhor o transformou na imagem de seu amor e de sua união com a sua amada Igreja. Assim, no Antigo Testamento Iahweh era o esposo e o povo de Israel era a esposa, no Novo Testamento, Cristo é o esposo e a Igreja, sua Esposa.<sup>38</sup>

### 3.3 APÓS O CONCILIO VATICANO II

Faz-se oportuno recordar, que todos os Papas pós Vaticano II desenvolveram reflexões apropriadas à sponsalidade da Igreja, enfatizando, no pós-Concílio, Paulo IV a Igreja como lugar do encontro com Cristo, João Paulo II a Igreja como dom de Esposa para o mundo e para a sociedade; Bento XVI a Igreja vive de Cristo com Cristo porque ele oferece o seu amor sponsal e no Papa Francisco a exortação de que Amar a própria mulher como Cristo ama a Igreja, é algo muito sério e não uma brincadeira.

#### 3.3.1 Papa Paulo IV

O Papa Paulo VI, afirmando a Igreja como “ponto de encontro do amor de Cristo por nós”, assim refletiu:

Que a Igreja seja esposa é mistério de caridade, de enamoramento de Deus, mediante Cristo, no Espírito Santo, do mundo, da humanidade, da Igreja; a epígrafe da Igreja pode ser: „Assim Deus amou“; „Pelo grande amor“; ou então: „Cristo nos amou“ [...] Este mistério nos ensina o amor acima de todo amor que Cristo nutriu pela Igreja; ensina-nos a união íntima e indissolúvel e ao mesmo tempo a distinção de Cristo e da Igreja; ensina-nos que a Igreja não princípio nem fim em si mesma; ela é de Cristo, dele recebe a sua dignidade, a sua virtude santificadora, a sua humilde e excelsa realza; [...] revela-nos que a Igreja é o ponto de encontro do amor de Cristo por nós: a casa das núpcias.<sup>39</sup>

A “casa das núpcias” é indubitavelmente o lugar do encontro; lugar onde se estabelece a união e a comunhão entre os esposos: “a Esposa unida ao seu Esposo, unida porque vive a

---

<sup>38</sup> GS 48.

<sup>39</sup> PAULO VI. Catequese da Audiência Geral de 15 de junho de 1966. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 22 de outubro de 2021. Apud: CERVERA, Jesus, 1984, p. 165.

sua vida”<sup>40</sup>. Esta se tornou a vocação de todos os batizados, na Igreja, tanto homens como mulheres, todos foram feitos Esposa de Cristo na ordem da graça.

### 3.3.2 Papa João Paulo II

O Papa João Paulo II, ao longo de seu pontificado, produziu muitos escritos acerca do Sacramento do Matrimônio e da família. Estes escritos são encontrados na mais variada espécie de documentos e manifestações, como será apresentado a seguir.

#### 3.3.2.1 *Mulieris dignitatem*

O capítulo VII da *Mulieris dignitatem* é inteiramente dedicado à Igreja enquanto Esposa de Cristo. Nele, o Santo Padre inicia refletindo acerca desta verdade indicando que ela se fundamenta na criação do ser humano como homem e mulher. Tendo em vista que foram criados à imagem e semelhança de Deus, varão e mulher são convidados a estabelecer entre si um amor sponsal. Além disso, é necessário considerar que todo o comportamento nas relações entre homem e mulher deve estar vinculado à realidade pessoal de seu ser.

Nesta carta o autor exprime a verdade sobre a Igreja como esposa de Cristo, indicando igualmente como esta verdade se radica na realidade bíblica da criação do homem como varão e mulher.

Criados à imagem e semelhança de Deus como “unidade dos dois” ambos foram chamados a um amor de caráter sponsal. Pode-se dizer também que, seguindo a descrição da criação no Livro do Gênesis 2,18-25, este chamamento fundamental se manifesta juntamente com a criação da mulher e é inscrito pelo Criador na instituição do matrimônio, que, segundo Gênesis 2,24 desde o início possui o caráter de união de pessoas.<sup>41</sup>

Por sua parte, o texto de Ef 5,21-32 confirma o acima exposto e relaciona o mistério da união de Cristo com a Igreja com a união de esposos do homem com a mulher. No antigo Testamento, esta Esposa era Israel, povo eleito pelo Senhor, escolhido por seu amor, com quem ele faz aliança. E à esta Aliança, Deus sempre permaneceu fiel, apesar das muitas infidelidades do povo.

---

<sup>40</sup> Ibidem.

<sup>41</sup> JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* sobre a dignidade e a vocação da mulher. 2005. p. 97.

O texto da Carta aos Efésios confirma ainda uma vez a verdade acima apresentada e, ao mesmo tempo, compara o caráter sponsal do amor entre o homem e a mulher com o mistério de Cristo e da Igreja. Cristo é o Esposo da Igreja, a Igreja é a Esposa de Cristo. Esta analogia não deixa de ter precedentes: ela transfere para o Novo Testamento o que já estava previsto no Antigo Testamento, particularmente nos profetas Oséias, Jeremias, Ezequiel e Isaias (...) essa mulher-esposa é Israel, enquanto povo escolhido por Deus.

E esta eleição tem origem exclusiva no amor gratuito de Deus. É justamente por este amor que se explica a Aliança, apresentada frequentemente como uma aliança matrimonial, que Deus renova sempre com o seu povo escolhido. Esta aliança parte de Deus e é “um compromisso” duradouro; ele permanece fiel ao seu amor sponsal, embora que a esposa se tenha demonstrado muitas vezes infiel.<sup>42</sup>

Segue o pontífice afirmando que a exortação paulina na Carta aos efésios é direcionada para os casais humanos, homens e mulheres nas situações concretas de sua vida de mútua doação. Cristo deseja que este amor sponsal humano deverá promover a dignidade da mulher, que o marido se dedique à sua esposa para santificá-la, assim como ele mesmo fez em relação à sua Igreja.

### 3.3.2.2 Em algumas catequese das audiências gerais

Na catequese de 25 de agosto de 1982, o Santo Padre trata do tema da analogia da relação que existe entre Cristo e a Igreja com a que existe entre o homem e a mulher unidos pelo vínculo do Sacramento do Matrimônio. Há, contudo, uma outra analogia suplementar à esta: a analogia da Cabeça e do Corpo: Cristo é a Cabeça, a Igreja é o seu Corpo Místico. Da mesma forma, o marido é cabeça e a mulher é o seu corpo.<sup>43</sup>

Já na catequese da audiência geral de 1º de setembro de 1982, o Santo Padre "trata do amor de Cristo a Igreja como modelo do amor dos esposos"<sup>44</sup>. Em toda a passagem do texto citado, está bem conservada a bi-subjetividade Cristo-Igreja, Esposo-Esposa. João Paulo II apresenta o amor de Cristo à Igreja, como modelo do amor dos esposos, como modelo das relações a serem vividas entre marido e esposa; O amor leva o marido a ser solícito com o bem de sua esposa, compromete a desejar sua beleza e a sentir esta beleza, cuidando de sua esposa.

<sup>42</sup> MD, 23.

<sup>43</sup> JOÃO PAULO II. Catequese da Audiência Geral de 25 de agosto de 1982. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 23 de outubro de 2021.

<sup>44</sup> JOÃO PAULO II. Catequese da Audiência Geral de 01 de setembro de 1982. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 23 de outubro de 2021.

Aqui se trata de uma beleza visível, beleza física. O esposo se fixa com atenção em sua esposa com a criadora e amorosa inquietude de encontrar tudo que nela há de bom e belo. O amor cria, na pessoa amada, um bem, que será a medida deste mesmo amor.<sup>45</sup>

E este é o objetivo central deste trabalho de pesquisa, ou seja, mostrar que o amor entre esposo e esposa, bem como a união sacramental decorrente deste amor, deve ter como fundamento o amor e a união que existe entre Cristo e a Igreja.

Em 08 de janeiro de 1992, o saudoso Papa João Paulo II refletia a respeito da dupla dimensão da união sponsal de Cristo com a Igreja, ou seja, histórica e escatológica.

São Paulo afirmou que Cristo amou e se entregou por sua Igreja (Ef 5,25). Esta é uma verdade fundamental da Eclesiologia paulina, que se refere ao amor nupcial de Cristo pela Igreja e que vem confirmada no Apocalipse, quando João afirma que vai mostrar a esposa do Cordeiro (Cf. Ap 19,7-9. 21,9).<sup>46</sup>

Assim, a imagem das bodas e do banquete nupcial se repete também nesse livro de caráter escatológico, no qual a Igreja aparece representada na sua forma celeste; Contudo, está Igreja celeste, anunciada no Apocalipse, trata-se da mesma Igreja da qual Jesus falou quando se apresentou como seu Esposo; da mesma Igreja da qual fala São Paulo quando refere o amor oblativo de Cristo por ela; da mesma Igreja pela qual o Cordeiro se imolou. Destarte, a terra e o céu, no tempo e na eternidade, se fundem nesta visão transcendente da relação entre Cristo e a Igreja<sup>47</sup>.

O autor do Apocalipse descreve a Igreja-Esposa antes de tudo em seu aspecto descendente, ou seja, como um dom do alto. A Esposa do Cordeiro se apresenta como a cidade santa que desce do céu, de junto de Deus, conforme se lê em Ap 21,10-11.

A Carta aos Efésios mostra que Cristo oferece seus dons à sua esposa; por sua vez, o Apocalipse mostra que a Igreja recebe do Esposo a participação na glória divina. Portanto, nele predomina o aspecto descente da Igreja<sup>48</sup>.

---

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> JOÃO PAULO II. Catequese da Audiência Geral de 08 de janeiro de 1992. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 23 de outubro de 2021.

<sup>47</sup> JOAO PAULO II. *Creo en la Iglesia. Catequesis sobre el Credo*. Madrid: Palabra, 1997, p. 114.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 115.

### 3.3.3 Papa Bento XVI

Em sua primeira encíclica, intitulada *Deus caritas est*, o Papa Bento XVI tratou do centro da fé cristã, ou seja, o amor de Deus por nós e o nosso amor por Deus e pelos irmãos, como resposta ao amor divino<sup>49</sup>. Na primeira parte da encíclica, onde expõe a questão do amor na história da salvação e da criação, o papa apresenta a diferença e unidade existentes entre “Eros” e “Ágape”. Afirmar que o amor entre o casal se impõe ao ser humano por sua natureza<sup>50</sup>.

Segue o Pontífice questionando se a acusação de que o cristianismo teria destruído o Eros trata-se de uma afirmação verdadeira. Responde dizendo que não, pois, na verdade, o que o cristianismo fez foi dar ao Eros um valor mais elevado<sup>51</sup>. O necessário caminho de purificação do Eros, a fim de que se realize a sua promessa humana e divina, pode ter o seu início no livro do Cântico dos Cânticos. Nele, percebe-se que o amor verdadeiro busca o outro, não é egoísta, mas sim, altruísta.

A relação de amor que provoca a união do casal humano, enquanto manifestação da união sponsal entre Cristo e a Igreja, é dotada de duas propriedades essenciais: a unidade e a indissolubilidade. A unidade engloba a exclusividade (um homem para uma mulher) e a união perfeita do casal, chamada de *consorcio totius vitae*, o consórcio de toda vida. A indissolubilidade pressupõe a união em caráter permanente e a fidelidade vivida a cada dia.<sup>52</sup>

### 3.3.4 Papa Francisco

#### 3.3.4.1 Em algumas catequese das audiências gerais

Na catequese de 06 de maio de 2015, o Santo Padre tratou do tema da beleza do matrimônio cristão, evidenciando que este, não se trata de uma simples cerimônia que se faz na igreja, com flores, o vestido, as fotografias... O matrimônio cristão é um sacramento que tem lugar na Igreja, e que também faz a Igreja, dando início a uma nova comunidade familiar<sup>53</sup>. O Santo Padre afirmou que os esposos são chamados a viver a radicalidade de um amor que, iluminado pela fé, restabelece a reciprocidade da entrega e dedicação segundo o projeto original

<sup>49</sup> BENTO XVI. Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, 1. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 23 de outubro de 2021.

<sup>50</sup> DCE, 3.

<sup>51</sup> Ibidem.

<sup>52</sup> Ibidem.

<sup>53</sup> FRANCISCO. Catequese da Audiência Geral de 06 de maio de 2015. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 24 de outubro de 2021.

de Deus para a humanidade. “O marido – diz Paulo – deve amar a mulher “como o próprio corpo”; amá-la como Cristo “amou a sua Igreja e se deu a si próprio por ela”. Mas vocês maridos que estais aqui presentes compreendeis isto? Amar a própria mulher como Cristo ama a Igreja. Isto não é uma brincadeira, é sério!”<sup>54</sup>.

O Santo Padre afirmou também recordando as palavras de São Paulo que “o matrimônio é um grande ato de fé e de amor que testemunha a coragem de acreditar na beleza do ato criador de Deus e de viver aquele amor que leva a andar sempre mais além de si próprio e para além da própria família.”<sup>55</sup>

Já na catequese de 31 de outubro de 2018, o Santo Padre continuou uma série de ensinamentos sobre os mandamentos, tratando especificamente sobre a sexta palavra do Decálogo do tema “Não cometerás adultério” evidenciando que o amor fiel de Cristo é a luz para viver a beleza da afetividade humana. Com efeito, a nossa dimensão afetiva é uma chamada ao amor, que se manifesta na fidelidade, no acolhimento e na misericórdia. Isto é muito importante. Como se manifesta o amor? Na fidelidade, no acolhimento e na misericórdia. Contudo, não se deve esquecer que este mandamento se refere explicitamente à fidelidade matrimonial, e, portanto, é bom refletir mais a fundo acerca do significado esponsal.<sup>56</sup>

Foi lido no início desta Audiência, o trecho da Carta de São Paulo aos Efésios em que o Apóstolo Paulo afirma que o marido deve amar a esposa assim como Cristo amou a Igreja. Levando em consideração a antropologia da época, disse o Papa, “é uma revolução”.

Dizer que o marido tem que amar a esposa como Cristo ama a Igreja: mas é uma revolução! Talvez, naquela época, seja o aspecto mais revolucionário que foi dito acerca do matrimônio. Sempre pelo caminho do amor. Podemos questionar-nos: a quem se destina este mandamento de fidelidade? Só aos esposos? Na realidade, este mandamento é para todos, é uma Palavra paterna de Deus dirigida a cada homem e mulher.<sup>57</sup>

Por isso, é importante refletir profundamente sobre o significado de esponsal, estando ciente, porém, de que o mandamento da fidelidade é destinado a todos os batizados, não só aos casados.

---

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> Ibidem.

<sup>56</sup> FRANCISCO. Catequese da Audiência Geral de 31 de outubro de 2018. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 24 de outubro de 2021.

<sup>57</sup> Ibidem.

Repito: cada vocação cristã é esponsal, pois é fruto do vínculo de amor no qual todos somos regenerados, o vínculo de amor com Cristo, como nos recordou o trecho de Paulo lido no início. A partir da sua fidelidade, da sua ternura, da sua generosidade olhemos com fé para o matrimônio e para cada vocação, e compreendamos o sentido pleno da sexualidade.<sup>58</sup>

O Papa concluiu esta rica catequese recordando que o sexto mandamento, mesmo em sua forma negativa – não cometer adultério – seja orientador à nossa chamada originária, isto é, ao amor esponsal pleno e fiel, que Jesus Cristo nos revelou e doou.

### 3.3.4.2 *Amoris Laetitia*

Em 19 de março de 2021, a Igreja comemorou 5 anos da publicação da exortação apostólica “*Amoris Laetitia*” sobre a beleza e a alegria do amor familiar. Neste mesmo dia, o Papa Francisco inaugurou o Ano “*Família Amoris Laetitia*”.<sup>59</sup>

Fruto de dois anos de caminhada sinodal e da colaboração de muitas pessoas que mostraram a situação real das famílias no mundo atual, a Exortação Apostólica pós-Sinodal do Papa Francisco sobre a família, “*Amoris laetitia*”, a “*Alegria do Amor*”, vem nos ajudar a alargar a nossa perspectiva e reavivar a nossa consciência sobre a importância do matrimônio e da família. É um importante documento que nos ajudará a refletir e dialogar na busca de uma práxis pastoral mais eficaz, dando-nos coragem e estímulo para ajudar as famílias a buscar as respostas nas suas indagações e dificuldades.

Sobre o tema da esponsalidade, o Santo Padre apresenta Jesus como Aquele que recupera e realiza plenamente o projeto divino; A aliança esponsal, inaugurada na criação e revelada na história da salvação, recebe a revelação plena do seu significado em Cristo e na sua Igreja<sup>60</sup>. O matrimônio e a família receberam de Cristo, através da Igreja, a graça necessária para testemunhar o amor de Deus e viver a vida de comunhão.

O Evangelho da família atravessa a história do mundo desde a criação do homem à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27) até à realização do mistério da Aliança em Cristo no fim dos séculos com as núpcias do Cordeiro (cf. Ap 19,9).<sup>61</sup>

---

<sup>58</sup> Ibidem.

<sup>59</sup> O ano *Família Amoris Laetitia* foi anunciado pelo Papa Francisco no domingo da Sagrada Família (27 de dezembro de 2020) e está sendo realizado de 19 de março de 2021 a 26 de junho de 2022, durante o X Encontro Mundial das Famílias, em Roma, com o Santo Padre.

<sup>60</sup> FRANCISCO. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*. 2016. p. 48.

<sup>61</sup> AL 64.

Em vídeo divulgado pelo vaticano neste ano, da série sobre a exortação o Papa diz que:  
"O matrimônio é um sinal precioso, é o ícone do amor de Deus por nós".<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> Vídeo do Papa da série sobre a exortação apostólica *Amoris Laetitia*. Extraído de <https://www.youtube.com/watch?v=zXTrz3mCiTc/>, em 25 de outubro de 2021.

## 4 A ESPONSALIDADE DE CRISTO E A IGREJA NA PASTORAL

No quarto e último capítulo deste trabalho de pesquisa, dada a importância do que estamos celebrando na Igreja a pedido do Papa Francisco neste Ano de 2021 “Família *Amoris Laetitia*” e dada a riqueza dos ensinamentos e direcionamentos pastorais que encontramos no terceiro capítulo da Exortação *Amoris Laetitia*, denominado "O olhar fixo em Jesus: a vocação da família", dedicarei na apresentação destes pontos essenciais que são ensinamentos fundamentais da Igreja acerca do matrimônio e da família pois os mesmos estão diretamente relacionados a esponsalidade de Cristo e a Igreja e do Homem e a Mulher.

### 4.1 O OLHAR FIXO EM JESUS: A VOCAÇÃO DA FAMÍLIA

Em 30 parágrafos deste capítulo, o Papa Francisco, ilustra a vocação à família de acordo com o Evangelho, assim como ela foi recebida pela Igreja ao longo do tempo, sobretudo, quanto aos temas da sacramentalidade do matrimônio, indissolubilidade do matrimônio, da transmissão da vida e da educação dos filhos.

O nosso ensinamento sobre o matrimônio e a família não pode deixar de se inspirar e transfigurar à luz deste anúncio de amor e ternura, se não quiser tornar-se mera defesa duma doutrina fria e sem vida. Com efeito, o próprio mistério da família cristã só se pode compreender plenamente à luz do amor infinito do Pai, que se manifestou em Cristo entregue até ao fim e vivo entre nós. Por isso, quero contemplar Cristo vivo que está presente em tantas histórias de amor e invocar o fogo do Espírito sobre todas as famílias do mundo.<sup>63</sup>

Francisco recolhe neste capítulo, uma síntese da Doutrina da Igreja sobre o matrimônio e a família e direciona pastoralmente a Igreja para o dom recíproco constitutivo do matrimônio sacramental que tem suas raízes na graça do batismo, que estabelece a aliança fundamental de cada pessoa com Cristo na Igreja.

---

<sup>63</sup> AL 59.

#### 4.1.1 O Sacramento do matrimônio

O matrimônio pode ser considerado como forma de existência cristã, para restaurar a harmonia no matrimônio, Jesus transformou-o em sacramento.

Jesus, que reconciliou em Si todas as coisas, voltou a levar o matrimônio e a família à sua forma original (cf. Mc 10,1-12). A família e o matrimônio foram redimidos por Cristo (cf. Ef 5,21-32), restaurados à imagem da Santíssima Trindade, mistério donde brota todo o amor verdadeiro<sup>64</sup>. De Cristo, através da Igreja, o matrimônio e a família recebem a graça do Espírito Santo, para testemunhar o Evangelho do amor de Deus. Pelo matrimônio, Cristo se une aos esposos, possibilitando serem vivificados pela presença divina. Os esposos são assumidos por Cristo; o humano é impregnado pelo divino. Assim os pequenos "sins" de cada dia, a intimidade conjugal e familiar, a educação dos filhos, o trabalho, os problemas, os altos e baixos de cada dia, a vida social, e profissional etc., são santificados por Cristo e se tornam meios recíprocos de santificação para o casal e para os filhos.

O sacramento não é uma «coisa» nem uma «força», mas o próprio Cristo, na realidade, «vem ao encontro dos esposos cristãos com o sacramento do matrimônio. Fica com eles, dá-lhes a coragem de O seguirem, tomando sobre si a sua cruz, de se levantarem depois das quedas, de se perdoarem mutuamente, de levarem o fardo um do outro.»<sup>65</sup>

O matrimônio cristão é um sinal que indica o quanto Cristo amou a sua Igreja na Aliança selada na Cruz, e torna presente esse amor na comunhão dos esposos. Quando se unem numa só carne, representam o desposório do Filho de Deus com a natureza humana. Por isso, nas alegrias do seu amor e da sua vida familiar, Ele dá-lhes, já neste mundo, um antegozo do festim das núpcias do Cordeiro<sup>66</sup>.

Esse sacramento se reveste de uma dignidade ainda mais alta, visto ser a representação do mistério que une Cristo à Igreja, conforme o texto de Ef 5,21-32. Esta analogia fica mais clara por meio da interpretação teológica: o amor supremo e o dom do Senhor até o derramamento de seu sangue, assim como a adesão fiel e irrevogável da Igreja, sua Esposa, chegam a ser modelo e exemplo para o matrimônio Cristão.

---

<sup>64</sup> AL 63.

<sup>65</sup> AL 73.

<sup>66</sup> Ibidem.

Embora a analogia entre o casal marido-esposa e a esponsalidade de Cristo-com a Igreja seja uma analogia imperfeita, realiza-se nesta um grande convite para invocar o Senhor para que derrame o seu amor nas limitações e imperfeições das relações conjugais<sup>67</sup>.

Esta semelhança é uma relação de autêntica participação na aliança de amor entre Cristo e a Igreja. Por sua parte e a modo de símbolo real e de sinal sacramental, o matrimônio cristão representa concretamente a Igreja de Jesus Cristo no mundo, sobretudo no aspecto da família, que é chamada, com razão, Igreja Doméstica.

#### 4.1.1.1 O Sacramento do matrimônio no Código de Direito Canônico

A caracterização do matrimônio em sua dignidade sacramental significa exatamente a sua elevação ao plano sobrenatural, sendo um efeito da condição de batizados dos cônjuges. Esta elevação ao nível sobrenatural se concretiza no fato de ser sacramento, isto é, sinal da união existente entre Cristo e a Igreja, sinal sensível e eficaz que a graça significa e produz. E esta elevação responde ao plano que Deus tem para o matrimônio e a família dentro de seu plano de amor e salvação para a humanidade redimida por seu Filho.

Assim, a sacramentalidade do matrimônio não é uma simples bênção ao matrimônio natural, senão que é uma elevação daquilo que entre si estabelecem aqueles que já foram elevados à condição de filhos de Deus pelo batismo.<sup>68</sup>

Exatamente em razão da identidade que há entre o matrimônio e o sacramento, no Código de Direito Canônico se trata muito pouco do desenvolvimento da vida conjugal e familiar. A plenitude da vida conjugal e familiar é uma dimensão da plenitude a que está orientado todo cristão em virtude da chamada universal à santidade.

Contudo, o CIC, procurou utilizar uma terminologia conforme a enriquecedora visão do matrimônio apresentada no Vaticano II, que revela profundamente esta plenitude a qual o matrimônio deve tender. Entretanto, a pretensão direta do legislador consiste em regular aqueles aspectos que contém uma dimensão de justiça, especialmente aos que se referem à válida constituição do vínculo conjugal<sup>69</sup>.

O matrimônio, instituição de direito natural, pode ser definido, de forma geral, como a união legal de um homem e uma mulher para a completa comunidade de vida. O matrimônio canônico foi-se organizando com caracteres próprios ao longo de sua experiência multissecular,

---

<sup>67</sup> Ibidem.

<sup>68</sup> BAÑARES, Juan Ignacio. *El matrimonio: Amor, derecho y vida de fe*. Navarra: Ediciones Rialp, 2007. p. 1033.

<sup>69</sup> Ibidem p. 1033-1034.

assimilando elementos bíblicos, teológicos e jurídicos, que agora se integram na definição que é proposta no CIC can. 1055.

"A aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão da vida toda, e ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges, à geração e educação da prole e foi elevada entre os batizados, a dignidade de sacramento, por Cristo Senhor".<sup>70</sup>

A novidade que o Código de 1983 apresentou em relação ao Sacramento do Matrimônio é o fato de ter introduzido a noção comunitária e personalista do matrimônio, sem reduzir sua natureza contratual. Seguindo a orientação comunitária, se estabelece que o consórcio de toda vida representa o elemento essencial do matrimônio e, desse modo, a estrita noção contratualista se enriquece e se define com a amplitude de seu objeto, que é a vida íntima e a relação interpessoal dos cônjuges. Esta relação tem uma dimensão existencial, de união total dos cônjuges em corpo e alma, das pessoas e de suas vidas.

Tem também uma dimensão jurídica, visto que a relação entre o casal está regida por normas jurídicas próprias da natureza social e intersubjetiva do matrimônio, que se inicia na celebração do matrimônio e continua se realizando no cotidiano da vida do casal.<sup>71</sup>

No sacramento do matrimônio, segundo a tradição latina da Igreja, os ministros são o homem e a mulher que se casam<sup>72</sup>, os quais, ao manifestar o seu consentimento e a união dos seus corpos são os instrumentos da ação divina que os torna uma só carne. No batismo, ficou consagrada a sua capacidade de se unir em matrimônio como ministros do Senhor, para responder à vocação de Deus. Por isso, quando dois cônjuges não-cristãos recebem o batismo, não é necessário renovar a promessa nupcial sendo suficiente que não a rejeitem, pois, pelo batismo que recebem, essa união torna-se automaticamente sacramental<sup>73</sup>.

O próprio direito canônico reconhece a validade de alguns matrimônios que se celebram sem um ministro ordenado. É que a ordem natural foi assumida pela redenção de Jesus Cristo, pelo que, entre batizados, não pode haver contrato matrimonial válido que não seja, pelo mesmo fato, Sacramento.<sup>74</sup>

---

<sup>70</sup> CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (CIC). São Paulo: Loyola, 1992.

<sup>71</sup> ALARCON, Mariano et al. *Curso de Derecho Matrimonial Canónico y concordado*. Madrid: Tecnos, 1984, p.57.

<sup>72</sup> Pio XII, Carta Encíclica *Mystici Corporis*, 19. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 23 de outubro de 2021.: « *Matrimonio enim quo coniuges sibi invicem sunt ministri gratiae...*

<sup>73</sup> AL 75.

<sup>74</sup> *Ibidem*.

A Igreja pode exigir que o ato seja público, a presença de testemunhas e outras condições que foram variando ao longo da história, mas isto não tira, aos dois esposos, o seu carácter de ministros do sacramento, nem diminui a centralidade do consentimento do homem e da mulher, que é aquilo que, de pôr si, estabelece o vínculo sacramental.<sup>75</sup>

Em todo o caso, Francisco chama a reflexão sobre a ação divina no rito nupcial, que aparece muito evidenciada nas Igrejas Orientais ao ressaltarem a importância da bênção sobre os contraentes como sinal do dom do Espírito.

#### 4.1.2 A Indissolubilidade do Matrimônio

A relação de amor que provoca a união do casal humano, enquanto manifestação da união sponsal entre Cristo e a Igreja, é dotada de duas propriedades essenciais: a unidade e a indissolubilidade. A unidade engloba a exclusividade (um homem para uma mulher) e a união perfeita do casal, chamada de consorcio totius vitae, o consórcio de toda vida. A indissolubilidade pressupõe a união em carácter permanente e a fidelidade vivida a cada dia. Pela sua própria natureza, o amor dos esposos exige a unidade e a indissolubilidade da sua comunidade de pessoas, a qual engloba toda a sua vida: "assim, já não são dois, mas uma só carne"(Mt 19,6). Eles são chamados a crescer sem cessar na sua comunhão, através da fidelidade quotidiana à promessa da mútua doação total que o Matrimônio implica.

Esta comunhão humana é confirmada, purificada e aperfeiçoada pela comunhão em Jesus Cristo, conferida pelo sacramento do Matrimônio; e aprofunda-se pela vida da fé comum e pela Eucaristia recebida em comum.<sup>76</sup>

Depois do amor que nos une a Deus, o amor conjugal é a amizade maior.<sup>77</sup> É uma união que tem todas as características duma boa amizade: busca do bem do outro, reciprocidade, intimidade, ternura, estabilidade e uma semelhança entre os amigos que se vai construindo com a vida partilhada. O matrimônio, porém, acrescenta a tudo isso uma exclusividade indissolúvel, que se expressa no projeto estável de partilhar e construir juntos toda a existência. A união, que

---

<sup>75</sup> AL 73.

<sup>76</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CEC). Petrópolis: Vozes, 1993.

<sup>77</sup> AL 123, cf Tomás de Aquino, Summa contra gentiles, III, 123; cf. Aristóteles, Ética a Nicómaco, 8, 12 (ed. Bywater, Oxford 1984, 174).

se cristaliza na promessa matrimonial para sempre, é mais do que uma formalidade social ou uma tradição, porque radica-se nas inclinações espontâneas da pessoa humana <sup>78</sup>.

Além disso, o matrimônio é uma amizade que inclui as características próprias da paixão, mas sempre orientada para uma união cada vez mais firme e intensa. Com efeito, não foi instituído só em ordem à procriação, mas para que o amor mútuo se exprima convenientemente, aumente e chegue à maturidade <sup>79</sup>. Esta amizade peculiar entre um homem e uma mulher adquire um carácter totalizante, que só se verifica na união conjugal. E precisamente por ser totalizante, esta união também é exclusiva, fiel e aberta à geração. Partilha-se tudo, incluindo a sexualidade, sempre no mútuo respeito.<sup>80</sup>

Isto mesmo expressou o Concílio Vaticano II ao dizer que, unindo o humano e o divino, esse amor leva os esposos ao livre e recíproco dom de si mesmos, que se manifesta com a ternura do afeto e com as obras, e penetra toda a sua vida <sup>81</sup>. Com íntima alegria e profunda consolação, a Igreja olha para as famílias que permanecem fiéis aos ensinamentos do Evangelho, agradecendo-lhes pelo testemunho que dão e encorajando-as. Com efeito, graças a elas, torna-se credível a beleza do matrimônio indissolúvel e fiel para sempre.<sup>82</sup>

Assim, o amor conjugal, que deve ser a causa da união, vai se concretizar na vida do casal através da recíproca doação de um para o outro. Esta mútua doação deverá ser vivida na fidelidade e na indissolubilidade, realizando o verdadeiro consórcio de toda vida entre vida entre ambos, o que culminará com a geração e a educação da prole.<sup>83</sup>

#### 4.1.3 A educação dos filhos

O pai e a mãe são representantes de Deus na vida dos filhos; por isso têm autoridade sobre eles.

Então, é vontade do Senhor que estes cumpram muito bem a missão de educá-los para a sociedade e para o céu. "O papel dos pais na educação dos filhos é tão importante que é quase impossível substituí-los". O direito e o dever de educação são primordiais e inalienáveis para os pais".<sup>84</sup>

---

<sup>78</sup> AL 123.

<sup>79</sup> GS 50.

<sup>80</sup> AL 125.

<sup>81</sup> GS 49.

<sup>82</sup> AL 125.

<sup>83</sup> GS 48.

<sup>84</sup> CEC n. 2221.

Além de citar o tema da educação dos filhos neste capítulo III dedicado com maior análise neste trabalho, O Papa Francisco dedicou o capítulo VII inteiro para tratar o assunto, sendo assim farei algumas citações também deste capítulo para iluminar a reflexão.

A Igreja é chamada a colaborar, com uma ação pastoral adequada, para que os próprios pais possam cumprir a sua missão educativa; e sempre o deve fazer, ajudando-os a valorizar a sua função específica e a reconhecer que quantos recebem o sacramento do matrimónio são transformados em verdadeiros ministros educativos, pois, quando formam os seus filhos, edificam a Igreja e, fazendo-o, aceitam uma vocação que Deus lhes propõe.<sup>85</sup>

A educação dos filhos encontra seu trilha em relações de sincera confiança – dos filhos nos pais, dos pais nos filhos –, além de esforços para desenvolver o bem, que sempre tende a valores mais altos e melhores.

Esse processo de diálogo educativo conduz a uma formação ética sadia: “A educação moral é cultivar a liberdade..., desenvolver aqueles princípios interiores estáveis que movem a praticar espontaneamente o bem. A virtude é uma convicção que se transformou em um princípio interior e estável do agir”.<sup>86</sup>

Liberdade sempre comporta responsabilidade. Como diz aquela lei da Física, que se torna dito popular corriqueiro: toda ação tem uma reação. É o que o Papa insiste em advertir: “É preciso despertar a capacidade de colocar-se no lugar do outro e sentir pesar pelo seu sofrimento... É importante orientar a criança, com firmeza, para que peça perdão e repare o mal causado aos outros”.<sup>87</sup> Esse é o fruto de um sadio amadurecimento da liberdade pessoal. Nesse horizonte é que se deve praticar a correção, com paciente confiança, para que na consciência de cada pessoa “a disciplina não se transforme em uma mutilação do desejo, mas se torne um estímulo para ir sempre mais além”.<sup>88</sup> Também a capacidade de esperar e o domínio dos impulsos encontra aqui o seu ambiente de educação.

Todo esse processo se faz pouco a pouco, em pequenos e decididos passos. A psicologia, a pedagogia e as demais ciências da educação tem muito a contribuir com as famílias nesse itinerário, sobretudo quando se trata da cura das feridas adolescentes e juvenis, tanto dos pais quanto dos filhos. Esse percurso educativo se amplia e se alarga à medida em que o caminho se faz.

---

<sup>85</sup> AL 85.

<sup>86</sup> AL 267.

<sup>87</sup> AL 268.

<sup>88</sup> AL 270.

A família, sobretudo, é espaço privilegiado de socialização e de educação para a responsabilidade para com a casa comum, dada a formação da consciência de que todos somos corresponsáveis pelo cuidado da vida uns pelos outros, especialmente das mais frágeis e vulneráveis – vidas humanas e de todo o planeta. O uso com responsabilidade e autonomia das diferentes tecnologias pode propiciar verdadeiro encontro, contato e proximidade, ampliando o acesso à informação e revelando novos horizontes de atuação pela vida de todos. Acima de tudo, as comunidades cristãs são chamadas, nesses contextos, a assumirem cada vez mais sua missão educativa e catequética.

Também a educação sexual tem seu espaço e importância, “no contexto de uma educação para o amor, para a doação mútua; assim, a linguagem da sexualidade não acabaria tristemente empobrecida, mas esclarecida”<sup>89</sup>, escapando dos frágeis reducionismos em que o senso comum se detém, e se abrindo para uma verdade e uma ética que incluem, respeitam e valorizam a realidade objetiva e subjetiva de cada pessoa humana.

Por fim, e não menos importante, há de se conceder o devido lugar à educação da fé, pois “a família deve continuar a ser o lugar onde se ensina a perceber as razões e a beleza da fé, a rezar e a servir o próximo”<sup>90</sup>, a partir do exemplo dos pais, amadurecendo e desenvolvendo a graça e dom divinos recebidos no batismo. A catequese familiar – ainda mais nesse contexto de pandemia que estamos vivendo – é tarefa da qual não se pode abrir mão.

---

<sup>89</sup> AL 280.

<sup>90</sup> AL 287.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho, apresentou material de pesquisa que fundamenta a esponsalidade de Cristo com a Igreja de forma análoga a esponsabilidade do homem e a mulher no sacramento do matrimônio, a partir de textos escriturísticos, patrísticos e do Magistério da Igreja, bem como outros escritos relevantes.

A proposta era copilar dados que pudessem ser analisados e considerados para uma reflexão sobre o assunto, para ressaltar a importância da esponsalidade entre Homem e Mulher no sacramento do matrimônio, tendo como ponto de referência a relação esponsal de Cristo com a Igreja.

Assim viu-se ao longo desta pesquisa que o reconhecer-se como “esposa” deu a Israel um maior conhecimento do ser e do agir de Deus, Ele apresenta-se como o Esposo que ama e que quer uma resposta igual de sua amada esposa, o povo sente esse amor sempre fiel da parte de Deus, mesmo assim, muitas vezes, mantém-se infiel às promessas divinas, diante disso, Deus pede o arrependimento da esposa por suas infidelidades e reafirma o pacto nupcial com ela, movido por seu imenso amor.

Essa Aliança com características nupciais pode ser compreendida desde a Criação, ao longo dos escritos veterotestamentários, nos escritos proféticos com uma visão de complementariedade e evolução no pensamento bíblico do Antigo Testamento. Tudo aquilo que foi anunciado no Antigo Testamento sobre a imagem esponsalícia de Deus, em Jesus Cristo se tem pleno cumprimento, ou seja, Jesus é o Esposo da Igreja.

Isso se comprova nos Evangelhos Sinóticos e em João, onde o próprio Cristo se apresenta como o Esposo e em suas parábolas se faz entender, mesmo que de maneira oculta, como a Nova Aliança com características nupciais, e no Apocalipse, o autor sagrado, apresenta as núpcias do Cordeiro, nas quais Cristo é o Esposo da Igreja e a Igreja (Jerusalém), a Esposa.

Nos escritos paulinos, de modo especial em Efésios 5,22-32, usa-se a imagem do esposo e da esposa para tipificar e demonstrar a relação de Cristo com a Igreja. É numa Aliança, marcada pelo amor mútuo, que o Esposo entrega a sua vida por sua amada esposa, numa total doação de si mesmo. Pela sua morte, Cristo elevou à dignidade de esposa a Igreja, para que ela pudesse acolher seus filhos e torná-los santos.

Na interpretação de textos bíblicos, feita pelos autores do período da Patrística, oportunizou-se um desenvolvimento do tema esponsalício Cristo-Igreja, havendo uma nítida

convergência de fatos e testemunhos quanto à evolução da consciência eclesial sobre a esponsalidade.

A Igreja vista como Esposa de Cristo faz despertar na reflexão teológica um novo despertar eclesiológico. O pensamento bíblico e a mística sacramental, no que tange à esponsalidade, estão ligados entre si com acentos místéricos e litúrgicos. O Concílio Vaticano II reafirmou doutrinas conciliares anteriores, de maneira especial, a de Trento e de Papas, especialmente Pio XII.

A partir das ideias expostas nos seus precedentes, em unidade com a a Exortação pós sinodal *Amoris Laetitia* do Papa Francisco, buscou-se apresentar alguns aspectos pastorais à realidade atual das famílias, no matrimônio como instituição, salientando sua sacramentalidade, a qual encontra sua raiz exatamente na relação esponsal entre Cristo e a Igreja; Os aspectos canônicos relativos à sacramentalidade do matrimônio, os quais foram expressos especialmente pelo estudo do cânone 1055, que define o matrimônio canônico como uma comunhão de toda vida, entre varão e mulher, destinado à união do casal e à geração e educação da prole; A Indissolubilidade que pressupõe a união em caráter permanente e a fidelidade vivida a cada dia; E por fim à a educação dos filhos que é tida como responsabilidade principal dos pais apoiados pela Igreja.

Portanto, do conjunto desses conteúdos de pesquisas apresentados, podemos fazer as seguintes conclusões pontuais: O matrimônio foi querido por Deus como união natural entre o homem e a mulher desde a criação do mundo; De igual forma, desde a criação o matrimônio é dotado das características fundamentais da unidade e da indissolubilidade; Desde o princípio, o matrimônio possui o duplo fim da felicidade do casal e da geração e educação da prole; Em sua Pessoa, Jesus Cristo leva à plenitude a união de Deus com o homem, reunindo de forma perfeita a divindade à humanidade.

A relação existente entre Cristo e a Igreja é de caráter nupcial fundamentada no amor de Deus pelo seu Povo e a A raiz da sacramentalidade do matrimônio cristão encontra-se exatamente na união esponsal Cristo-Igreja. Portanto, o Sacramento do Matrimônio é uma expressão da relação esponsal Cristo-Igreja.

## REFERÊNCIAS

ALARCON, Mariano et al. **Curso de Derecho Matrimonial Canônico y concordado**. Madrid: Tecnos, 1984.

AQUINO, Felipe. **A Minha Igreja: Missão e identidade**. São Paulo: Cléofas, 2002.

BAÑARES, Juan Ignacio. **El matrimonio: Amor, derecho y vida de fe**. NAVARRA: Ediciones Rialp, 2007.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus Caritas Est**. Roma, 2005. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html). Acesso em: 23 out. 2021.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1989. Nova edição, revista.

BORTOLINI, José. **Livros Sapienciais**. Aparecida: Santuário, 2018.

CASEL, Odo. **Misterio de la Ekklesia: La comunidad de todos los redimidos en Cristo**. Guadarrama: Ediciones Guadarrama, 1964.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CEC). São Paulo: Loyola, 2000.

CERVERA, Jesus Castellano et alii. **“A Igreja, Esposa de Cristo: nos Padres da Igreja e na Liturgia”**.: A Igreja no seu Ministério/I. São Paulo: Cidade Nova, 1984.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição pastoral Gaudim et spes sobre a Igreja no mundo de hoje**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II.: **Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (CIC). São Paulo: Loyola, 1992.

DACQUINO, Pietro. **Storia del matrimonio cristiano alla luce della Bibbia**. Cascine Vica: Elledici, 1988.

DENSINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral**. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DROBNER, Hubertus R. **Manual de patrologia**. São Paulo: Vozes, 2003.

FEINER, Johannes. **Mysterium salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica**. São Paulo: Vozes, 1975.

FRANCISCO. **Audiência Geral:** Catequese sobre os Mandamentos "Não cometerás adultério". Roma, 2018. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco\\_20181031\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20181031_udienza-generale.html). Acesso em: 24 out. 2021.

FRANCISCO. **Audiência Geral:** Catequeses sobre a família A Beleza do Matrimônio Cristão. Roma, 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20150506\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150506_udienza-generale.html). Acesso em: 24 out. 2021.

FRANCISCO. **Vídeo do Papa Série Amoris Laetitia:** O para sempre e a beleza do Amor. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zXTrz3mCiTc>. Acesso em: 25 out. 2021.

IRINEU DE LIÃO. **Patrística - Contra as Heresias - Vol. 4.** Pia Sociedade de São Paulo - Editora Paulus, 2014.

JOÃO PAULO II. **Audiência Geral:** Atributos e qualidades morais que devem guiar as relações de amor entre os esposos. Roma, 1982. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1982/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19820901.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1982/documents/hf_jp-ii_aud_19820901.html). Acesso em: 23 out. 2021.

JOÃO PAULO II. **Audiência Geral:** Dimensão histórica e projeção escatológica da união nupcial da Igreja com Cristo. Roma, 1992. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1992/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19920108.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1992/documents/hf_jp-ii_aud_19920108.html). Acesso em: 23 out. 2021.

JOÃO PAULO II. **Audiência Geral:** Uma nova vida com Deus em amor, integrada na única Igreja santa. Roma, 1982. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1982/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19820825.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1982/documents/hf_jp-ii_aud_19820825.html). Acesso em: 23 out. 2021.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Mulieris Dignitatem sobre a dignidade e a vocação da mulher.** São Paulo: Paulinas, 2005.

JOÃO PAULO II. **Creo en la Iglesia:** Catequesis sobre el Credo. Madrid: Palabra, 1997.

LACOSTE, Jean Yves. **Dicionário crítico de teologia.** São Paulo: Loyola, 2004.

MIGNE, J.P. **Patrologiae cursus completus:** 161 v. Paris, 1857- 1866. Graecae. ed.

MIGNE, J.P. **Patrologiae cursus completus:** Latina 221 v. Paris, 1841-1864.

NOCENT, A. et al. **Os sacramentos, teologia e história da celebração.** Coleção Anámnesis. São Paulo: Paulinas, 1989.

PIO XII. **Carta Encíclica Mystici Corporis**. Roma, 1943. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_29061943\\_mystici-corporis-christi.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html). Acesso em: 23 out. 2021.

PLAMPIN, Richard T. **Jeremias, seu ministério, sua mensagem**. Rio de Janeiro: Juerp, 1987.

ROCCHETTA, Carlo. **Os sacramentos da fé**: Ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como "maravilhas da salvação" no tempo da Igreja. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

STADELMANN, I.L. **Cântico dos Cânticos**. São Paulo: Loyola, 1993.